



Detalhe da obra *Paisagem*, 2025,
de Celaine Refosco.

Fonte: Acervo da Galeria Mamute.

Crédito: Soninha Vill

“VIAGEM À AURORA DO MUNDO”: AS ECOLOGIAS DE CELAINE REFOSCO

FRANCIELE FAVERO,
ESPECIAL PARA ARTE & CRÍTICA

RESUMO: Este artigo examina o processo curatorial desenvolvido pelo encontro com a obra de Celaine Refosco, que resultou na exposição “Viagem à Aurora do Mundo”, apresentada no Museu de Arte de Santa Catarina em 2025, sob a curadoria da autora, Franciele Favero. Apresenta a construção do olhar curatorial no contato com a prática da artista, destacando as questões conceituais que emergem desse encontro: as ecologias do viver que atravessam sua poética, a beleza como prática de resistência e a aurora como figura central para pensar mundos em permanente reconstrução. Aborda ainda como a organização das obras configura o espaço expositivo como um ecossistema fluido, complexo e imersivo.

PALAVRAS-CHAVE: curadoria; Celaine Refosco; arte e ecologia; beleza como resistência; exposição.

ABSTRACT: This article examines the curatorial process developed through the encounter with the work of Celaine Refosco, which resulted in the exhibition “Viagem à Aurora do Mundo”, presented at the Museu de Arte de Santa Catarina in 2025, curated by the author, Franciele Favero. It analyzes how the curatorial perspective is constructed through engagement with the artist’s practice, highlighting the conceptual issues that emerge from this encounter: the ecologies of living that traverse her poetics, beauty as a practice of resistance, and the idea of dawn as a central figure for thinking about worlds in constant reconstruction. It also examines how the organization of the works configures the exhibition space as a fluid, complex, and immersive ecosystem.

KEYWORDS: curatorial practice; Celaine Refosco; art and ecology; beauty as resistance; exhibition-making.



Figura 1. Vista geral da exposição “Viagem à Aurora do Mundo”, individual de Celaine Refosco, no Museu de Arte de Santa Catarina. Fonte: Acervo da Galeria Mamute. Crédito: Soninha Vill

INTRODUÇÃO

Do encontro com o universo sensível e crítico de Celaine Refosco emerge um percurso curatorial que culmina na exposição “Viagem à Aurora do Mundo”, apresentada entre fevereiro e maio de 2025 no Museu de Arte de Santa Catarina¹, sob curadoria da autora, Franciele Favero². A mostra reúne pinturas em grande formato, instalações sobre tecidos e desenhos em nanquim, organizados em um arranjo expositivo fluido que convida à imersão.

O título da exposição, tomado por empréstimo do livro de Érico Veríssimo, funciona também como pergunta conceitual: que mundos podem emergir quando revisitamos saberes, memórias e formas de vida invisibilizadas pelos processos históricos de destruição ambiental e pelo colonialismo? Este artigo aborda como o olhar curatorial foi construído pela autora no contato com as obras e processos da artista, evidenciando as questões conceituais que guiaram a proposta expositiva: as *ecologias do viver* que atravessam a poética de Celaine Refosco, enraizadas

em sua experiência sensível do mundo; a *beleza* entendida como prática de resistência; e a ideia de *aurora* como modo de pensar mundos em permanente reconstrução.

ECOLOGIAS DO VIVER

A aurora de um novo dia de janeiro iluminava a paisagem durante a viagem até o ateliê de Celaine Refosco, localizado em Pomerode, em Santa Catarina. A construção da mostra ganhou potência ao encontrar não apenas as obras, mas também o local de trabalho da artista. Seu ateliê configura-se como um complexo ecossistema: lugar de criação e reflexão, além de espaço de convivência e cultivo. A casa e o espaço de trabalho tornam-se indissociáveis, e adentrá-los é compreender que o envolvimento de Celaine Refosco com a arte é inseparável de seu comprometimento com o mundo.

A casa-ateliê habita um terreno anteriormente devastado que foi cuidadosamente recuperado pela artista; um restauro plantado, germinado e construído camada

por camada, rico em diversidade, detalhes e profundidade, assim como suas pinturas e instalações (Figura 2). Estar no seu ateliê-jardim é sentir o pulsar da vida-obra em radical aproximação. Perceber cores, silhuetas, sombras, rastros e gestos que passam de uma instância a outra. Acompanhar sua rotina de trabalho é reconhecer a alternância e mesmo a indissociabilidade entre os atos de cuidar, plantar, cozinhar, restaurar, pintar, desenhar, ler, escrever, observar, experimentar.

Há aqui uma ecologia: *oikos* como casa e também como planeta. Uma conexão íntima, mas atenta à história e à memória coletiva, enraizada na relação com a terra e seus seres. O processo artístico sugere uma *ecologia do viver* como um mergulho na experiência do mundo, em pinturas, desenhos e instalações que emergem de um espaço de relação. Trata-se de um lugar de convívio, de construção mútua, do ato de “fazer parentes” (Haraway, 2023).

Em sua prática, confluir arte e natureza implica habitar uma zona



Figura 2.
Jardim restaurado
na casa-ateliê da
artista Celaine
Refosco.
Crédito: autoria
própria

de fronteira fértil, atravessada por experimentações, vizinhanças e brotamentos, a partir das “ecologias que a própria vida produz, que se referem à invenção de possibilidades de vida, de modos de existência [...] e experimentação de si” (Godoy, 2008, p. 285). Com linhas intermitentes, desenha-se uma área de passagem instável entre arte e mundo - “só a vida cria tais zonas em que turbilhonam os vivos, só a arte pode atingi-la e penetrá-la” (Deleuze e Guattari, 2000, p. 225).

Neste sentido, os conceitos de natureza e paisagem afastam-se de um uso estritamente científico e passam a operar em uma zona poética na qual arte, ciência, literatura, história e experiência do mundo se entrelaçam. Interessa ao processo curatorial, portanto, perceber as especificidades da obra da artista e suas ecologias, em que “o encontro entre arte e pensamento efetiva-se num outro uso das noções da própria ecologia [...] em que os elementos se encontrariam em transição, numa zona de indeterminação” (Godoy, 2008, p. 86).

Essa perspectiva distancia-se de uma abordagem essencialista da natureza e de uma “crença comum em uma naturalidade da paisagem” (Cauquelin, 2007, p. 8), bem como de uma função meramente representacional que a arte, sobretudo a pintura, estabeleceria com seu entorno. A relação com o mundo é, ao contrário, situada: um ponto de vista que se configura, mais precisamente, como um “ponto de vida”, como argumenta Emanuele Coccia. Isso implica encontrar o mundo, conhecê-lo e enunciá-lo a partir de um modo de viver, no qual “para conhecer o mundo é preciso escolher em que grau da vida, em que altura e a partir de que forma se quer olhá-lo e, portanto, vivê-lo” (Coccia, 2018, p. 25).

É complexa a rede que a artista tece com o pensamento ecológico e com outras áreas de conhecimento. A compreensão de fenômenos naturais constitui fonte importante em seu processo, como no caso dos rios voadores, correntes de vapor d’água que partem da Amazônia e contribuem para a manutenção da diversidade no continente sul-americano. Os

relatos de naturalistas atravessam seu processo, como os de Alexander von Humboldt, pioneiro do pensamento ecológico. A isso somam-se diálogos com outros campos, como o encontro com o livro de Érico Veríssimo, que contribuiu para o conceito da mostra.

A artista possui ainda uma trajetória interdisciplinar: formada em pintura pela EMBAP, a passagem pela indústria têxtil ampliou a exploração de suportes e materialidades. Como educadora e articuladora, criou o Instituto Orbitato, um centro de estudos em arte, design e moda, no Vale do Itajaí. Tudo se articula no fazer poético da artista e se soma à sua vivência na paisagem.

BELEZA COMO RESISTÊNCIA

Escutar as ecologias do viver que emergem do processo artístico de Celaine Refosco é adentrar uma rede complexa e intrincada. É perceber que o cultivo da beleza não se restringe à sua prática artística, mas se afirma como um gesto constante em sua vida. Suas telas, instalações e desenhos; jardins e reflorestamentos; viagens

e conversas; iniciativas ambientais, educativas e de articulação cultural; todas essas ações parecem integrar um mesmo movimento de criação que, contra a aridez e a destruição, torna vivo, fértil e diverso.

Em seu texto para a 36ª Bienal de São Paulo, a curadora Alya Sebti defende a experiência da beleza como “uma força motriz que faça a humanidade se mover, andar, desejar estar junto e caminhar em direção à transformação” (Sebti, 2025, p. 55). Nesse sentido, a tarefa da curadoria consistiria, por um lado, em escutar artistas e poetas, que apontam caminhos da beleza enquanto resistência, e, por outro, criar espaços nos quais a beleza pode ser ouvida, onde “o poético torna-se ferramenta para lembrar de nossa humanidade compartilhada” (Sebti, 2025, p. 61). Envolve compreender que a beleza “não é um ideal ocidental infundido socialmente e baseado na simetria; não é uma superfície polida para ser commodificada. A beleza é uma força que pulsa pelo corpo e perturba aquilo que é conhecido” (Sebti, 2025, p. 61).

Em “Viagem à Aurora do Mundo”, a beleza é tratada como potência revolucionária de sonhar e construir outros mundos possíveis, como gesto irrevogável de resistência a ser cultivado, recuperado e reivindicado. A exuberância desse território poético não se dissocia das complexidades do viver; ao contrário, nasce de um mergulho crítico e radical no mundo. Como afirmam Édouard Glissant e Patrick Chamoiseau (2009, p. 39, tradução própria), “mesmo nas violências da história e nos desastres do presente, a beleza do mundo persiste e inventa possibilidades”. O percurso curatorial da exposição busca promover a experiência da beleza como encantamento, estremecimento e imersão, em um convite a revisitar origens e repensar futuros.

“VIAGEM À AURORA DO MUNDO”

A exposição foi concebida como um convite a uma viagem compartilhada (Figura 3). Os trabalhos da artista, ricos em detalhes e camadas, apresentam-se como um território sensível, no qual formas de vida,

paisagens, memórias e gestos se entrelaçam, configurando um campo poético e reflexivo. Visitá-la é lançar-se em uma correnteza, percorrer territórios e temporalidades, tornar-se também paisagem. Habitada por uma profusão de cores e seres, “Viagem à Aurora do Mundo” reúne pinturas e desenhos de Celaine Refosco em diferentes suportes: dos empilhamentos cromáticos às instalações imersivas, da superfície do papel e da tela aos tecidos que evocam a fluidez dos rios e do tempo. Sua obra encontra-se em fluxo contínuo: expande-se e se recolhe, assume a figuração e novamente se abstrai, explode em alvorada sem ocultar sua sombra, emerge à superfície e se lança à profundidade, impõe-se no espaço para, subitamente, tornar-se vestígio.

A escolha pelo grande formato é recorrente e, quando em exposição, aciona o corpo do visitante a alternar entre a proximidade, para perceber cada detalhe, e o distanciamento, para contemplar o conjunto. As pinturas se organizam em dípticos e polípticos modulares, configurando paisagens que ocupam amplamente as

paredes expositivas. As sequências nem sempre são fixadas pela artista, o que permite novos arranjos segundo a proposta curatorial.

Em *Rios voadores - Forças*, obra inédita desenvolvida para a mostra, a artista experimenta, pela primeira vez, gestos mais amplos e velozes que atravessam as telas, constituindo sequências pictóricas que evocam rios em confluência (Figura 4). Porém, a continuidade imagética não é total, permitindo dissonâncias e descontinuidades. Impulsionada pelos rios voadores, a série irrompe com a intensidade de águas, ventos, raios e erupções. O mural parece se mover pela energia das correntezas, evocando a pororoca, palavra de origem tupi que carrega a resistência que persiste na língua e nos fenômenos naturais.

As instalações pendentes intensificam o convite à imersão. Em *Paisagem* (2025)³, a tinta é aplicada sobre suportes de poliamida em malha aberta, parcialmente ocupados pelas pinturas de corpos deitados, prostrados (Figura 5). A artista evoca uma multidão de corpos sem desejo,



Figura 3. Vista da exposição “Viagem à Aurora do Mundo”, individual de Celaine Refosco, no MASC, sob curadoria de Franciele Favero. Fonte: Acervo da Galeria Mamute. Crédito: Soninha Vill



Figura 4. *Rios voadores - Forças*, 2025, de Celaine Refosco. Óleo sobre tela, 90 x 130 cm cada.
Fonte: Acervo da Galeria Mamute. Crédito: Soninha Vill



Figura 5. *Paisagem*, 2025, de Celaine Refosco. Óleo sobre 14 painéis de tela de poliamida, 170 x 150 cm cada.
Fonte: Acervo da Galeria Mamute. Crédito: Soninha Vill

inseridos em contextos ambientais devastados e em cidades inóspitas, controlados por regimes de exploração e de colonialismo. Nesta montagem, os corpos flutuantes foram sobrepostos em múltiplas alturas, produzindo

camadas de transparência (Figura 6). Suas profundidades sugerem relevos que se completam com a presença dos visitantes, quando caminham por entre a instalação labiríntica e passam a integrar essa coletividade.



Figura 6. Detalhe da obra *Paisagem*, 2025, de Celaine Refosco. Fonte: Acervo da Galeria Mamute. Crédito: Soninha Vill

Três trabalhos são centrais para a discussão dos conceitos da exposição e são apresentados acompanhados de legendas expandidas e perguntas disparadoras, que buscam instigar os visitantes, para além de apoiar o trabalho educativo. As obras em destaque são *Paisagem*, *Rios voadores - Forças*, já discutidas neste artigo, e a pintura a óleo *Latitude -16.7672, Longitude -39.1424* (Figura 7). Seu título remete a uma coordenada geográfica que conduz à Caraíva, na Bahia, um dos primeiros pontos de chegada da expansão colonial portuguesa no território brasileiro. A pintura propõe uma reflexão sobre apagamentos e permanências históricas e resultam de uma imersão da artista na paisagem local, em sua diversidade ambiental e cultural, preservadas sobretudo pela resistência do povo Pataxó e das comunidades locais.

A arquitetura aberta do espaço expositivo, situado na entrada do Museu de Arte de Santa Catarina, fortaleceu o conceito de um ecossistema complexo e imersivo⁴, com passagens fluidas e três pontos de acesso à mostra. A abordagem expográfica desestabiliza

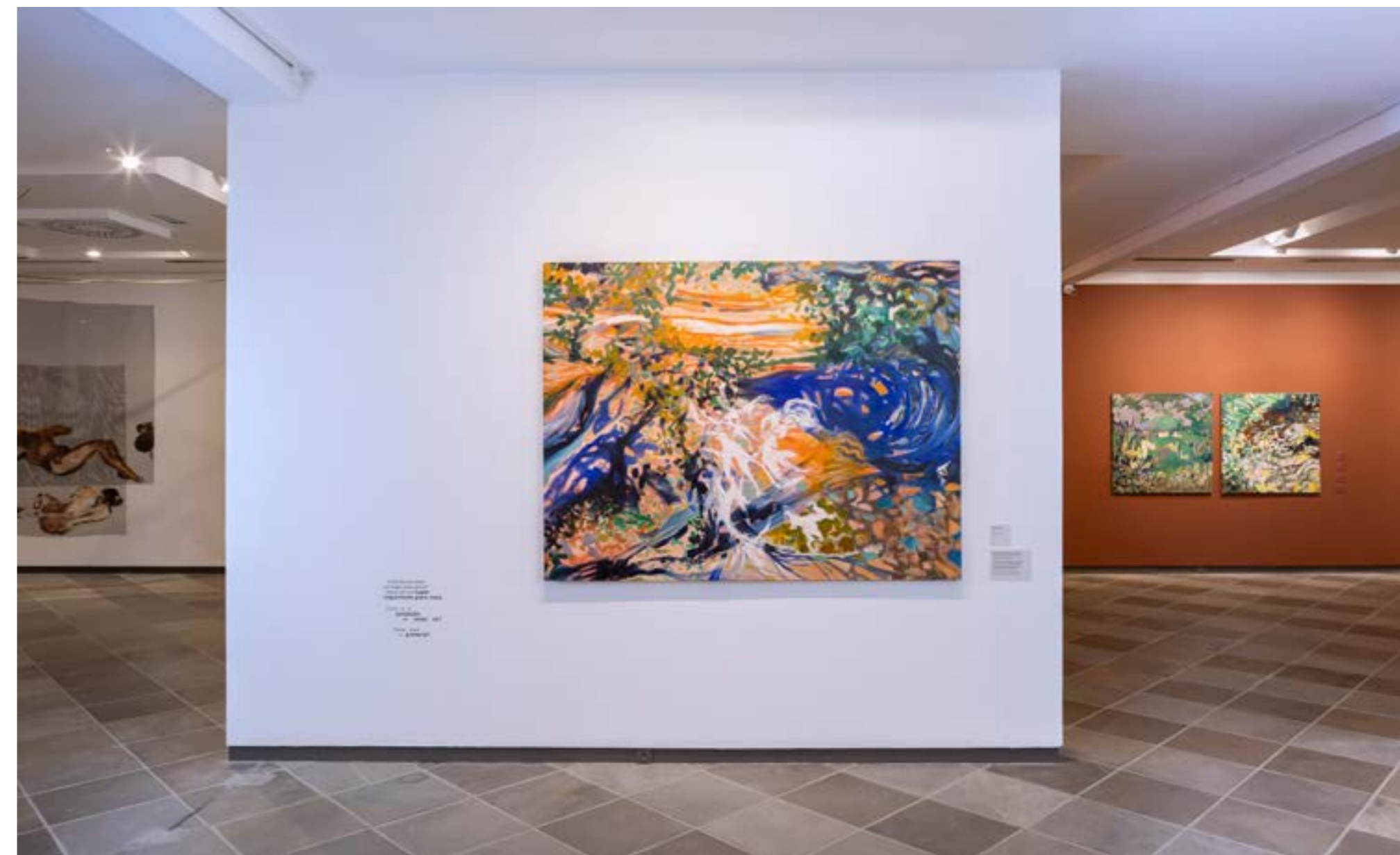


Figura 7. Vista da obra *Latitude -16.7672, Longitude -39.1424*, 2025, de Celaine Refosco, com legendas expandidas e perguntas disparadoras. Óleo e grafite sobre tela, 200 x 153 cm. Fonte: Acervo da Galeria Mamute. Crédito: Soninha Vill

a linearidade do percurso único, propondo diferentes pontos de vista e conexões entre os trabalhos. Da mesma forma, evoca uma temporalidade não linear suscitada pela noção de aurora como potencial de recomeços e transformações.

AURORAS E CREPÚSCULOS

A origem do nosso mundo não está em um acontecimento, infinitamente distante no tempo e no espaço, a milhões de anos-luz de nós – e tampouco num espaço de que já não temos nenhum vestígio. Ela está agora. A origem do mundo é sazonal, rítmica, intermitente como tudo que existe (Coccia, 2018, p. 32).

A aurora é imagem central que conecta a paisagem a uma temporalidade circular. Este é o tempo da memória, da história, com suas lacunas e resistências, com apagamentos, mas com potencial latente de recriação. O gesto curatorial aciona essa potência das ecologias poéticas de Celaine Refosco, instaurando um campo no qual a beleza emerge como força de

resistência e a aurora como horizonte de transformação contínua. Voltar-se à aurora do mundo é interrogar seus princípios, mas também reconhecer seu estado atual, suas finitudes e extinções. É enfrentar formas de pensamento que sustentam lógicas de dominação e ameaçam a vida no planeta. Trata-se, sobretudo, de um encontro com forças de filiação que nos impulsionam a recuperar caminhos interrompidos de pensamento e convivência, em um convite a reimaginar futuros, pois auroras de outros mundos estão sempre prestes a irromper no horizonte.

NOTAS

1 A mostra ocorreu no MASC, equipamento cultural da Fundação Catarinense de Cultura do Governo de Santa Catarina, com produção executiva da Galeria Mamute.

2 Este artigo, de autoria de Franciele Favero, curadora da exposição “Viagem à Aurora do Mundo”, amplia as reflexões sintetizadas no texto curatorial da exposição.

3 O planejamento de montagem da obra *Paisagem* é de Thaisa Kleinübing, em diálogo com a artista Celaine Refosco e com a curadoria da mostra.

4 A expografia de “Viagem à Aurora do Mundo” foi realizada por Aline Bernardo, a partir do conceito expositivo curatorial.

REFERÊNCIAS

COCCIA, Emanuele. *A vida das plantas: uma metafísica da mistura*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* São Paulo: Editora 34, 2000.

GLISSANT, Édouard; CHAMOISEAU, Patrick. *L'intrahabile beauté du monde: adresse à Barack Obama*. Paris: Galaade / Institut du Tout-Monde, 2009, 57 p.

GODOY, Ana. *A menor das ecologias*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2008, 333 p.

HARAWAY, Donna J. *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno*. Tradução de Ana Luiza Braga. São Paulo: N-1 Edições, 2023.

SEBTI, Alya. On a tous besoin de rêver (Todos nós precisamos sonhar). In: NDIKUNG, Bonaventure Soh Bejeng (org.). *36ª Bienal de São Paulo: nem todo viandante anda estradas: da humanidade como prática: coletânea*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2025. p. 52-63.

FRANCIELE FAVERO

Curadora, artista visual, gestora e pesquisadora, doutoranda da linha de Arte e Tecnologia do PPGAV/UnB. Mestre em Artes Visuais pelo PPGAV/UDESC. Bacharela em Artes Visuais pela UDESC, com intercâmbio para a UQÀM, no Canadá. Bacharela e licenciada em Ciências Biológicas pela UFSC. Diretora do Museu Nacional da República em 2024/2025. Foi professora substituta do Departamento de Artes Visuais da UDESC, de 2020 a 2023. Sua pesquisa foca em processos artísticos que entrelaçam corpo, memória e território, com ênfase em questões fronteiriças e na produção de mulheres artistas.